

Retalhos da História Vianense

por ADELINO TITO DE MORAIS

Desde há uns meses para cá, que vimos ocupando parte das nossas horas livres, na consulta dos velhos livros do arquivo municipal vianense, como fizemos em 1978-81 no de Ponte de Lima.

Aquelas seculares páginas, muitas delas já amareladas pela idade, ou às vezes por desleixo dos seus governantes, permitindo que a traça e a humidade neles penetre, impede na maioria dos casos que quem se dedica ao estudo do passado de certas regiões se veja impossibilitado de o fazer, por falta de fontes históricas; contudo, os códices do município vianense, guardados nos baixos do Museu, são o principal centro de recolha de dados, para artigos desta natureza, que demonstrem a probidade e enaltecimento da capital do Alto Minho, ao longo do seu Passado.

Por amabilidade do seu digníssimo ex-director e amigo, Dr. António Matos Reis, manuseamos com satisfação vários volumes de «Registos», «Vereações», «Caudelarias» e esse magnífico «FORAL GRANDE», executado em 1609 pelo paleógrafo fontanense padre Gonçalo Alves Tourinho, que embora com pequenas inexactidões de transcrição dos originais, não deixa de ter o seu valor.

Assim, baseados nesses apontamentos e outros que possuímos no nosso arquivo, redigimos este modesto trabalho, que decerto se enquadrará na restante colaboração desta já famosa brochura anual.

LIVROS PARA A TORRE DO TOMBO

Conforme é sabido, foi a partir do reinado de D. José I (mas mais acentuadamente no seguinte, de D. Maria I) que todos os livros depositados nas Câmaras, para registos de Mercês, Foros ou Tenças, cujo prazo de valia ou permanência na Edilidade para consulta expirava (100 anos?), tinham que ser enviados para Lisboa, a fim de serem depositados no Real Arquivo da Torre do Tombo.

Nesse âmbito, a Municipalidade Vianesa, na sua sessão de 25 de Outubro de 1779¹, tratou de cumprir a Régia ordem, como nos confirma parte da acta:

«...pelo Doutor Juiz de fora prizidente foy dito que como estava quazi findo o termo concedido naley, novicima que manda remeter a torre do tombo todos os livros de merses foros, tensas, eo mais coiudo nelles, o expunha asim aeles senadores, paara que antes que de todo sefindase, seremeteseem a fim de não perder esta Camara as regalias quetem por des cuydo ou o mição sua...»

Esta acertada medida, permitiu que tais documentos transitassem para a capital, onde ainda hoje existem, como nos confirmou em 1979, o falecido Dr. Francisco Cyrne de Castro, um infatigável investigador no Arquivo Nacional.

DOIS TEMPORAIS NO SÉCULO XIX

Ao vasculhar a valiosa colecção do semanário «*O Vianense*», (a única de que temos notícia), existente na Biblioteca Municipal Vianesa, correspondente à agitada época de 1858-68, deparou-se-nos num número do primeiro ano² um curioso registo de terramoto.

A avaliar pelos fortes estragos que o mesmo causou, resolvemos arquivar nestas páginas, o texto integral do acontecimento:

¹ Arq. Mun. de Viana do Castelo, «*Livros de Vereações de 1766-70*», fls. 11 v.º, Pasta 22.

² No n.º 3, de 22 de Março 1858.

A colecção deste jornal, com lombada e cantos em carneira, possui, gravadas a ouro, as iniciais «M. J. V.»

Trata-se decerto de Manuel José Viana, que nos parece ter servido de secretário (interino?) do Governo Civil por esses tempos, ou próximos.

De registar também, que com o mesmo nome publica-se desde 1980, na Princesa do Lima, um quinzenário, dirigido pelo nosso comum amigo, sr. Matias de Barros.

«Na sexta-feira última, por volta da uma e meia da tarde, sentiu-se nesta cidade um tremor de terra, que se repercutiu por alguns instantes. A comoção não foi tão forte, que toda a gente desse por ela, mas, ainda assim, tornou-se bastante sensível no interior das habitações, sobretudo onde havia móveis.

Duma casa sabemos, onde uma dama estava sentada ao piano, ficou surpreendida ao ver de repente, bailar-lhe o papel na estante; na mesma casa a outra senhora que escrevia, escapou-lhe a pena da mão.

Um reverendo eclesiástico que estava dormindo a sua sesta, acordou com os abalos da cama; e não faltou quem acudisse ao aparador do refeitório, pensando que andavam as louças em reboliço».

Ainda nesta epígrafe, embora de menor proporções, possuímos, um verbete do nosso ficheiro vianense sobre um outro, ocorrido há precisamente cem anos.

Tal nota, fruto de colheita na leitura das Vereações desse ano³, reza o seguinte:

«...o temporal derrubou uma árvore no Campo de Santo António.

A árvore, depois de andar a pregão foi arrematada por 12\$700 reis por Joaquim Fernandes do Rego, da Areosa».

E assim, terminamos estas nótuas de tempestades que assolaram os Vianenses no século passado.

NOTA A «CASA DOS LUNAS»

Também conhecida por «Casa dos Medalhões», em razão dos mesmos que ostenta na sua fachada, é um belo espécime da arquitectura Renascentista.

Situada defronte da Sé Catedral, foi alvo de obras de restauro em 1980, sofrendo alterações na cornija, edificada com pedra do Mar; alertando a sr.^a D. Maria Auxiliadora Magalhães, digníssima Vereadora do Pelouro da Cultura da Edilidade, a qual por sua vez comunicou aos senhores arquitectos da secção de obras, estes, deixaram correr... pelo que o sucedido está à vista.

Da sua história se ocupou o grande antiquário Figueiredo da Guerra, em periódicos locais e brochuras; recentemente, manusea-

³ Arq. Mun. de Viana do Castelo «Livro de Vereações 1882» fls. 66.

mos um manuscrito seu, depositado no arquivo municipal sob o título «HISTÓRIA da cidade de Vianna do Castello, extraída dos documentos existentes na Camara Municipal do dito concelho, e varios outros particulares, colligidos por... Fevereiro de 1880»⁴.

A pp 42-3, deparou-se-nos uma migalha do secular historial do imóvel, que aqui reproduzimos a pedido de um morador do local:

«Miguel de Vasconcelos de Brito, era filho do Dr. Pedro Barbosa de Luna, natural de Viana⁵ e falecido em 1604, e de D. António de Vasconcelos da Casa de Alvarenga, no Alentejo.

Seus irmãos, Pedro Barbosa⁶ foi bispo de Leiria, Luis de Melo, Deão da Sé de Braga e sua irmã D. Maria de Eça casou com Diogo Soares, secretário de Negócios de Estado, que era o braço do Conde — Duque de Olivais».

Como acabamos de verificar, foi uma família que preponderou na vida pública, pelos altos cargos que abraçou.

Supomos serem úteis tais linhas, pois a colecção d'«Aurora do Lima» é raríssima, de que não existe colecção completa, salvo a do seu Proprietário e Editor.

CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL

Passou em 7 de Maio último o Bicentenário do Marquês de Pombal, o homem da Reconstrução de Lisboa, após o terramoto de 1755.

Para colher algo sobre a passagem da efeméride no século passado, consultamos as actas da Edilidade do ano 1882⁷, onde verificamos que na sessão de 10 de Maio.

⁴ Trata-se de um documento com 10 pp, das quais 96 com texto e as restantes em branco.

No rosto, uma nota do punho de Figueiredo da Guerra «Publicado em folhetins d'«Aurora do Lima».

⁵ Este indivíduo foi Desembargador dos Agravos e grande letrado; foram seus pais o Dr. Miguel Jácome de Luna, Desembargador da Casa da Suplicação e D. Genebra Barbosa.

⁶ Em sua memória baptizou-se em Viana o Ciclo Preparatório com o seu nome.

⁷ Arq. Mun. de Viana do Castelo «Livro de Vereações 1882», fls. 68.

se leu o «...Ofício do Senhor Presidente da Câmara de Lisboa, oferecendo a esta Câmara um exemplar da obra *Elementos para a história do Município de Lisboa*».

Resolveu-se agradecer.»

Continuamos a leitura total do livro, e mais nada se nos depa-rou sobre esse acontecimento da história de Olissipo e do País.

De registar, que alguns municípios de então, resolveram dedi-car algumas artérias da sua localidade ao Primeiro Ministro de D. José, seguindo a ideia da sua Terra Natal.

UMA CASA DA RUA MANUEL ESPREGUEIRA

Há algumas semanas atrás, saía da redacção da velha «Aurora do Lima», onde entregara um artiguelho, a metros abaixo, deparei com uns jovens e casal que admirava uma imponente pedra d'ar-mas de setecentos, junto da sede dum partido político.

Aproximei-me, e vi que debatiam o problema de quem seria a família executante do prédio, bem como os apelidos heráldicos que figuravam na pedra.

Por momentos parei e a seu pedido prestei alguns esclareci-mentos, os quais eles sugeriam que publicasse pois «deve ser des-conhecida de muitos moradores, a notícia de ter aqui nascido um grande historiador da igreja em Portugal».

Deste modo, aqui arquivamos parte da conversa que manti-vemos durante largos minutos, recostados num painel de azulejos «Arte Nova» da fronteira rua de Olivença.

Foi este imóvel decerto levantado (ou melhorado) por Antó-nio de Sousa Menezes, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Sargento-

⁸ Esta publicação surgiu a público nessa data, como préstimo do Senado lisboeta, para assinalar a efeméride, de um dos seus mais dedicados protec-tores, e renovador, pelo que ainda hoje a parte central da cidade é denomi-nada «Baixa Pombalina», onde os lápis de Carlos Mardel e Eugénio Santos, esboçaram o plano de ordenamento de ruas, prédios, etc.

A obra, fruto de vários anos de estudo do paleógrafo Eduardo Freire de Oliveira, viria a compor-se de 11 vols.

A par dos estudos de Júlio de Castilho «Lisboa Antiga» é, a mais impor-tante «enciclopédia», sobre obras e outras, que municípios anteriores executaram.

Em vários leilões que ela tem ido à praça, é disputadíssima pelos biblió-filos e livreiros.

-Mor^o de Infantaria, casado que foi com D. Maria de Barbosa Lobo da Rocha, filha de Francisco Barbosa Pita e Maria da Rocha Lobo¹⁰, decerto sob risco do célebre Eng.^o Manuel Pinto de Vila Lobos.

Foram eles os pais de Fr. Pedro de Jesus Maria José, autor da apreciada e rara obra «Crónica da Conceição»¹¹; tomou o hábito no Noviciado do Convento de Santo António de Ponte de Lima



Casa dos Melo da Gama

⁹ No actual exército português, este posto corresponde a Major.

¹⁰ Vide:

Machado, Coronel Alberto de Sousa. Artigo in «Arquivo do Alto Minho», volume 16, pp 152-3. Viana do Castelo, 1968.

¹¹ O seu título abreviado é: «**Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal...**» Tomo I (e II), Lisboa, 1760-61.

aos 14 anos, foi Guarda-Mor do mesmo e aqui lhe nasceu a ideia de historiar as casas da sua Ordem ¹².

O segundo volume, na sua quase globalidade ocupando-se do mosteiro limiano, avultam os documentos transcritos: Breves, licenças arcebispaes, dotes, vários, etc.

Pena é que nem a Biblioteca Municipal da sua terra possua tão importante obra, que ainda recentemente um particular adquiriu num leilão em Lisboa, ao qual assistimos, por quantia razoável ¹³.

Terminamos este apontamento, com a notícia do brasão, do tipo esquartelado: I — Pintos; II — Araújo; III — Correias (Baharens); IV — Barbosas.

De registar, que estas armas nos parecem uma falsificação, moldadas em cimento, obra já deste século.

Os seus proprietários, foram também senhores do histórico Paço da Estrela em Santa Marta de Portuzelo, de que na série dos «Almanaques de Ponte de Lima» existe uma foto; nos finais do século passado, aliaram-se por casamento aos «Melos da Gama», da Casa Dos da Garrida, no Arrabalde Pontelimense, e da Garrida, em S. João da Ribeira, vendida aos caseiros em 1980.

E, assim terminamos também a nossa colaboração neste volume.

Ponte de Lima e Museu dos Terceiros, Maio 83.

¹² Vasculhando o cartório da casa conventual, tarefa a que já se entregara em 1753. Vide «Almanaque de Ponte de Lima», 1927, pp. 137. Ponte de Lima, 1928.

¹³ Leilão Soares & Mendonça, Lda., n.º 40, lote 727, Lisboa, 1980.